

A ESCOLA COMO UM LUGAR DE PODER ONDE AS INDIVIDUALIZAÇÕES SE ENCONTRAM

Autor: Tony Honorato¹

Pertenencia institucional: Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina – Paraná - Brasil

E-mail: tony@uel.br

Resumo: Neste texto propomos uma interpretação sobre o conceito poder na configuração escolar. Para tanto é apresentada uma compreensão de escola tendo como referência três máximas. Na sequência buscou caracterizar a individualização skatista como uma manifestação que produz capitais específicos e que se faz presente nas escolas provocando tensões. Por fim, apresentamos elementos da relação entre skatistas e instituição escolar para uma compreensão do conceito de poder.

Palavras-chave: Escola. Individualização. Poder.

Uma compreensão de escola

A instituição escolar foi compreendida a partir de três máximas². A primeira é que *a instituição escolar contribui formalmente para unificação do ser racional como espécie humana*. Pois a escola na sociedade moderna nasce como uma instituição sofisticada, formada também para a manutenção, produção e transferência dos conhecimentos humanos acumulados e sistematizados. Ela realiza e ratifica institucional e formalmente a unificação do ser racional sob o aspecto de espécie humana, porque esta tem demonstrado em seu processo social uma capacidade de desenvolver novas aprendizagens e técnicas para transmissão do aprendizado cultural aos recém-chegados no mundo, em tese, educado e civilizado.

A segunda máxima: tem-se *a instituição escolar como promotora de sociabilidade*. Isso porque o homem civilizado não só busca se diferenciar dos comportamentos animais como também dos comportamentos dos homens considerados

¹ Doutor em Educação pela FCLAr/UNESP e professor da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Brasil. Membro do Grupo de Pesquisa Processos Civilizadores.

² A reflexão sobre as três máximas da instituição escolar moderna foi apresentada em Honorato (2009).

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

incivil³. Emerge então o problema da sociabilidade, que pode distanciar as pessoas de outras, podendo até resultar, muitas vezes, em julgamentos de valores equivocados sobre quem é mais ou menos civilizado. Distinguir o homem ‘civilizado’ do homem ‘incivil’ é característica do crescente processo de individualização nas instituições escolares na sociedade moderna. Como o homem, porém, só se torna um ser social na relação com o outro, foram necessários segmentos unificadores das desigualdades sociais e promotores de sociabilidade.

A instituição escolar tem outras finalidades além das apresentadas e não é tão harmoniosa quanto parece no mundo contemporâneo. Se a observarmos, numa perspectiva histórica de curta duração, seu papel de agregação das individualizações e democratização do acesso (re)produz desigualdades sociais e conflitos internos com e entre indivíduos/grupos que a constituem. Esta observação nos coloca em consonância com as reflexões de Pierre Bourdieu (1992; 1998) a respeito da função da instituição escolar.

Passamos, então, a elucidar a concepção de instituição escolar elaborada por Pierre Bourdieu (1992). Ao focar sua análise sobre o fenômeno escola num curto período histórico, deixa-nos a percepção de uma escola mantenedora do privilégio cultural dos indivíduos mais favorecidos pelo capital cultural herdado de seus ascendentes familiares. Portanto, ela conserva, legitima e reproduz as desigualdades sociais entre os sujeitos dos diferentes segmentos sociais, tanto no acesso, como nas relações cotidianas.

Assim é possível podemos elaborar a terceira máxima: *nos processos civilizadores modernos as individualizações sociais são agregadas pelas instituições escolares, as quais preparam para reprodução das desigualdades sociais visíveis na diferenciação de acumulação de capital cultural.*

Se a escola é considerada como um segmento fundamental no processo civilizador de qualquer nação moderna, pois, contraditoriamente, ela traduz a unificação e a reprodução das desigualdades sociais, então perguntamos: quais são as relações de

³ A respeito do processo evolutivo da espécie humana em relação às espécies não-humanas, ver: Elias (1987).

poder produzidas entre a instituição escolar e os skatistas — uma individualização contemporânea comumente marginalizada?

Individualização skatista

O processo de individualização é compreendido aqui a partir da concepção de Elias (1994b). Como um primeiro registro, o processo de individualização está relacionado com a problemática da interdependência indivíduo e sociedade, mais especificamente, com a crescente especialização dos indivíduos e das sociedades. Isso não significa que o indivíduo está traçando um caminho livre de qualquer restrição, pelo contrário, desde a infância ele é condicionado pelo outro para desenvolver um grau bastante elevado de autocontrole em função das regulações sociais. Estas, por sua vez, vão se sedimentando nas sociedades humanas e configurando grupos, “tribos” e instituições com comportamentos e *habitus* diferenciados e portadores de poderes diluídos numa formação social específica.

É no processo de individualização que surge, no século XX, o skatista interligado a uma prática cultural lazer/esportiva denominada *skate*, como mais um componente do processo civilizador nas mais diferenciadas e conflitantes relações humanas. Pois, o skatista produz um conjunto de representações, carismas e estigmas que são expressos e imaginados em sociedade.

O skatista como processo de individualização tem como componentes as configurações sociais (pistas de skate, ruas, praças, ‘picos’, escolas etc.), uma rede relacional de indivíduos (família, amigos, *rappers*, roqueiros, *punks* etc.) e um tempo disponível para exercício da modalidade *skate*. Por conseguinte, o indivíduo se sente pertencente à “tribo skatista” ao adquirir alguns bens materiais e simbólicos relativos à prática cultural: linguagem, manobras, roupas e acessórios das marcas Y, X ou Z, entre outros. Desse modo o consumo cultural do skatista está ligado à produção do campo de lazer e esportivo *skate*, significando, portanto, que depende menos do capital escolar e mais da trajetória social para formar um agrupamento humano.

Assim, a individualização skatista se faz das relações humanas transformadas em atividades físicas e culturais de lazer/esporte que despertam interesses comuns e

diferenciados, reunindo indivíduos e estabelecendo diferentes comportamentos e *habitus*.

Os skatistas agrupados, no interior da modalidade *skate*, vem desenvolvendo uma competência técnica que pode ser denominada como capital cultural, numa concepção bourdiesiana. O capital cultural é internalizado pelo skatista e se materializa em disposições, ações e potenciais de poder em específicas configurações.

Portanto, o processo de individualização no social, no caso os skatistas, ofereceu-nos a oportunidade de uma reflexão sociológica sobre as relações de poder na configuração escolar.

Relações de poder na escola

Estudamos o fenômeno poder escolar pela lente dos skatistas. As fontes pesquisadas possibilitaram uma leitura sociológica do fenômeno poder na configuração escolar diferente das apontadas pelo campo da educação. Visualizemos um pouco como o sentido de poder apareceu na relação entre skatistas e instituição escolar pela voz dos skatistas:

“A escola é cabulosa! É uma verdadeira treta! A gente briga com a supervisora de aluno quase todos os dias para entrar com o skate [...] As vezes a gente consegue”. (Rafa)

“Ah, a escola é chata! Lá as pessoas ficam falando o que a gente deve fazer: faça lição, não fique conversando, não ande de skate no pátio, sei lá, é muito chata. Eles pensam que têm o controle e mandam na gente[...] Uma vez eu e uns skatistas jogamos os skates por cima do muro e conseguimos entrar com eles escondidos, depois ao invés de entrarmos na aula, começamos a andar na quadra e no pátio, só para mostrar que a gente pode tumultuar e que as coisas não são como eles pensam. Meu foi massa! Você entende? [...]” (Paulinho)

“[...] nooossaa, quando eu estudava no Romão [Escola] de tanto a gente zoa, porque não podia andar de skate na escola, a diretora e as professoras liberaram na hora do intervalo; acharam né, que iriam enganar a gente, não adiantou nada, a gente sempre zoava porque queria mais [...] inclusive né, um professor um dia negociou com a gente: caso não fizéssemos bagunça, no finalzinho da aula ele iria liberar para andarmos de skate na quadra, lá fora [...]” (Zica)

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

“[...] Cara, um dia uma professora da escola chamou eu e a galera que anda de skate para fazermos uma apresentação para turma da quinta série. Não entendi muito o porque, mas foi legal, a gente parecia dono da aula, ou melhor da escola, porque a molecada da escola tava tudo doida por causa dos skates”. (Ricardo)

“[...] acho que hoje né, temos mais moral na escola [...] perguntaram o ano passado se a gente não queria realizar um campeonato na quadra da escola [...] A gente não tinha rampa!” (Diguinho)

Um sentido de poder emerge na relação entre skatista e agentes escolares, isso significa dizer que o poder é atributo das relações sociais e não de um fato determinado ou de um indivíduo isolado gerando conflitos. Ele se apresenta, portanto, como relacional e em processo de (re)constituição nas relações humanas.

Na pesquisa realizada, os poderes estão ligados ao fato de existir indivíduos-estudantes-skatistas relacionando-se com os atores representantes da instituição escola. Haja vista que estes últimos podem assegurar e monopolizar determinados capitais culturais ou espaços sociais que outros reivindicam, como por exemplo, o pátio e a quadra reivindicados pelos os skatistas, ou, ainda, a educação sistematizada que a consideramos um *habitus* no atual processo de civilização de nossa sociedade. Isto equivaleria pensar que quanto mais os indivíduos necessitam da escola, maior seria a proporção de poder da instituição?

De certa forma sim, porém seria uma proporção de poder construída também pela necessidade do outro, e como os indivíduos são constituídos em múltiplos processos de aprendizagem, como ilustra a tribo skatista (HONORATO, 2005), não necessitam apenas da educação institucionalizada e criam outros capitais culturais significativos para o convívio cotidiano.

Os capitais culturais são mecanismos de acesso às fontes de poder, como por exemplo, o capital político, econômico, religioso, intelectual, educacional etc.. No caso do skatista, seu capital está conectado com a prática cultural *skate*, originadora de específicos conhecimentos que são fontes de poder possivelmente identificáveis em nossa sociedade complexa e diferenciada do final do século XX e início do XXI.

Nas sociedades organizadas e complexas os capitais culturais ou as diferentes fontes de poder se entrelaçam, formando determinadas configurações humanas. Quando

os indivíduos formam uma configuração no interior escolar e as diferentes fontes de poder se inter-relacionam, é estabelecido um flutuante (re)equilíbrio de poder pondo em movimento a configuração escolar. Esta ideia coloca em xeque o monopólio do poder idealizado pelos debates sociológicos do campo da educação. Torna-se necessário no campo educacional considerar a existência de diversos potenciais de poder, que quando se entrecruzam produzem um flexível (re)equilíbrio de poder, que não significa igualdade de poder como lembra Norbert Elias.

Os discursos dos skatistas acima elucidam um (re)equilíbrio flexível de tensões e de poder na configuração escolar. Esta ideia tornou-se visível quando o skatista *Rafa* menciona que afronta a supervisora de aluno para conseguir entrar com seu *skate* na escola, e às vezes consegue; quando o skatista *Paulinho* relata uma situação na qual desafiaram a instituição escolar tentando afirmar que a escola não tem total poder e controle sobre as ações dele e de outros skatistas; quando o skatista *Zica* enuncia que ele e seus colegas ultrapassaram os limites dos códigos de conduta da instituição escolar para adquirirem um espaço para exercerem a prática cultural *skate*; quando o skatista *Ricardo* fala da sensação de poder (“*os donos*”) sobre a aula da quinta série e da escola ao realizarem uma demonstração de *skate*; e quando o skatista *Diguinho* menciona que percebe na atualidade a escola atribuindo mais atenção aos skatista, portanto, mais possibilidade de poder.

Estes indícios de relações de poder entre skatistas e instituição escolar, possibilitaram compreender o poder na configuração escolar não como algo localizado majoritariamente numa estrutura social exterior, nem em um grupo dominante, ou numa manifestação cultural de lazer, ou ainda, numa potência subterrânea, numa burocracia legítima ou, por fim, numa figura central — o diretor —, mas sim, em variação entre os indivíduos ou grupos sociais que sofrem influências mútuas.

O (re)equilíbrio flexível de poder seria um elemento integrador das relações entre skatista e escola, e estaria presente nas interdependências funcionais entre estas pessoas, bem como entre outras. Sendo assim, quem estaria com o poder na relação entre skatistas e escola?

Pela ótica dos documentos analisados, o poder seria algo flexível e estaria distribuído de acordo com o funcionamento das redes de interdependência entre

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

skatistas e instituição escolar. Por maior que seja a discrepância de poder contida dentro da configuração escola, a parte de menor força também apresentará poder. Esta parte, num determinado tempo do curso histórico da instituição poderá inverter o resultado do ‘jogo de poder’, demonstrando consequências inesperadas das inúmeras possibilidades de interações sociais no cotidiano escolar como, por exemplo, o fato da escola reconhecer o grupo de skatistas e convidá-lo para realizarem um campeonato de *skate*, como ilustram os recortes abaixo:

Grind Street Contest 98 – 21 e 22.11, Escola Estadual Geraldo Teixeira da Costa (BH/MG) – Categorias: Iniciante/Amador. (REVISTA TRIBO SKATE. 1998. Ano 08, nº 39, p. 73.).

1º Trauma interescolar de skate – etapas: 04/05 – setembro; 25/26 – setembro; 06/07 – novembro de 2004. Local Sesc Itaquera da cidade de São Paulo. “Todas as escolas da diretoria de ensino leste 2 podem participar!!!” “Procure a diretoria da sua escola / inscreva-se já!!!” Organização: Trauma Skateboards; Sesc Itaquera. Colaboração: Secretária de Estado da Educação; Diretoria de Ensino Leste 2; Programa Escola da Família. (REVISTA TRIBO SKATE. 2004. Ano 14, nº 108, p. 82.)

A noção de flexibilidade das relações de poder aproximou ainda mais a nossa reflexão do modelo analítico da sociologia figuracional de Norbert Elias. Assumimos este foco teórico para analisar sociologicamente a relação entre grupo e instituição, porque os discursos analisados apontaram a ideia de que o poder está distribuído de acordo com a movimentação da estrutura social e pode ser ‘mensurado’ por uma balança de diferentes pesos, que poderá inverter a qualquer momento, porque o homem depende de outros homens, e estes, por sua vez dependem dele e de outros. Desta maneira, os indivíduos aumentam o controle, o autocontrole, a desigualdade social e todos teriam poder, mesmo quando dependentes de outros homens pela força física ou pela necessidade de receber amor, dinheiro, aprendizagem, emoção, ou simplesmente, por excitação sexual.

Logo, o poder não é uma coisa absoluta e se torna diferente da perspectiva que o centra no aparelho ideológico do estado e nos meios de produção material, pelos quais todos adquirirão poder ao viver numa sociedade do bem comum para todos. A equidade de condições objetivas para obtenção de conhecimento escolar — e agora de poder —

seria extraordinário! Contudo os indivíduos são herdeiros e condutores de capitais culturais que os tornam individualizados no processo social.

Compreendendo que o (re)equilíbrio de poder não é sinônimo de igualdade de forças, a sociologia figuracional sugere que, tanto nas relações bipolares como, por exemplo, a de professor e estudante, pai e filho ou senhor e escravo, quanto nas relações multipolares, “sejam grandes ou pequenas as diferenças de poder, o equilíbrio de poder está sempre presente onde quer que haja uma interdependência funcional entre pessoas” (ELIAS, 1980. p.81). Desse modo, o poder não é um objeto que um indivíduo detém e o outro não, ou se encontra unicamente na arena das relações entre estados, instituições sociais ou modelado por este ou aquele agente, o poder é uma característica estrutural das relações humanas e seus graus são distribuídos de acordo com o capital cultural e a dependência que um indivíduo tem relativamente com o outro ou um grupo tem em relação a outro, esta é a base na qual se edifica o (re)equilíbrio de poder.

Foi essa concepção de poder inter-relacional, identificada nos discursos dos skatistas, que me permitiu observar a escola — como espaço educacional institucionalizado e socialmente integrador e reproduzidor das individualizações sociais — desenvolvendo suas relações de poder por meio das redes de interdependências, em particular dos fios tecidos com a tribo skatista.

Considerações finais

Com a pesquisa pudemos refletir que a relação entre prática cultural skatista e configuração escolar, tende a demonstrar numa perspectiva sócio-histórica que a escola passa por um processo no qual o centro do poder emana do exclusivismo pedagógico típico da configuração. O centro de poder da escola convencional é o diretor, todavia, historicamente pode estar sendo contestado. Estamos vivendo um processo no qual o poder escolar experimenta um (re)equilíbrio da balança de poder em novas tendências: comunidade, família, escola da família, Associações de Pais e Mestres (APMs), conselho de professores, sindicatos, grêmios estudantis e, hoje também tem envolvimento marginais com as tribos urbanas, em especial a skatista.

A criação e introdução das diferentes formas de organização social tende a ser, numa perspectiva de longa duração, transformação e continuidade do (re)equilíbrio de

poder nas relações sociais escolares, estabelecendo conflitos e integrações que interferem nas tomadas de posição da instituição. A tensão se desenvolve na inserção de outras práticas culturais não comandadas pelo pedagógico *stricto sensu*. Nesse processo de incorporação das individualizações ocorrem disputas de poder. A prática cultural da tribo skatista e suas ações colocadas sobre a organização escolar, contribuem como referência para percebermos a continuidade e mudanças do processo sócio-histórico das relações (e/ou concepções) de poder no contexto escolar.

Referências

- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2ª ed. Trad. Reynaldo Bairão; Rev. Téc. Pedro Benjamim Garcia; Ana Maria Baeta. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio [orgs.]. **Escritos de educação**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Edições 70. Lisboa: Pax, 1980.
- ELIAS, Norbert. On human beings and their emotions: a process-sociological essay. In: **Revista Theory, Culture and Society**, 4, 1987.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994a. v 1.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Trad. Vera Ribeiro; rev. téc. e notas, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ENTREVISTAS com skatistas realizadas em 2004 na cidade de Piracicaba. Colaboradores: Diguinho, Zica, Paulinho, Rafa, Ricardo.
- HONORATO, Tony. **A tribo skatista e a instituição escolar**: o poder escolar em uma perspectiva sociológica. Piracicaba/SP: UNIMEP, 2005. (Dissertação de Mestrado - PPGE).
- HONORATO, Tony. Institución escolar y cultura en la civilización moderna. In: KAPLAN, Carina V.; ORCE, Victoria (Orgs.). **Poder, prácticas sociales y proceso civilizador**: los usos de Norbert Elias . Buenos Aires: Noveduc, 2009.
- HONORATO, Tony. Institución escolar y cultura en la civilización moderna. In: KAPLAN, Carina V.; ORCE, Victoria (Orgs.). **Poder, prácticas sociales y proceso civilizador**: los usos de Norbert Elias . Buenos Aires: Noveduc, 2009.
- REVISTA TRIBO SKATE. 1998. Ano 08, nº 39, p. 73.
- REVISTA TRIBO SKATE. 2004. Ano 14, nº 108, p. 82.